



VERITY

COLLEEN HOOVER

*Este livro é dedicado à única pessoa
a quem ele poderia ser dedicado.*

*Tarryn Fisher, obrigada por aceitar o lado sombrio
das pessoas na mesma medida em que
aceita a luz existente nelas.*

1

Ouço o barulho do crânio se quebrando antes mesmo de o sangue respingar em mim.

Eu me assusto e dou um passo para trás, para a calçada. O salto de um dos meus sapatos fica preso no meio-fio e preciso me segurar na placa de PROIBIDO ESTACIONAR para não cair.

O homem estava na minha frente há poucos segundos. Estávamos no meio da multidão esperando o sinal abrir quando ele resolveu atravessar antes da hora e acabou atropelado por um caminhão. Eu tentei segurá-lo, mas só consegui agarrar o ar enquanto ele era atropelado. Fechei os olhos antes que o pneu do caminhão passasse por cima da cabeça dele, mas a ouvi estourar como se fosse uma rolha saindo de uma garrafa de champanhe.

Ele cometeu um erro. Ficou olhando a tela do celular, sem prestar atenção, provavelmente por já estar acostumado a atravessar aquela mesma rua todos os dias sem qualquer incidente.

Causa da morte: rotina.

As pessoas suspiram, mas ninguém grita. O motorista do caminhão salta do veículo e imediatamente se ajoelha ao lado do corpo do homem. Prefiro me afastar da cena enquanto outras pessoas se aproximam para ajudar. Não preciso olhar o homem embaixo do pneu para saber que está morto. Basta olhar minha blusa que um

dia foi branca — e todo o sangue respingado nela — para saber que ele precisa de um carro funerário e não de uma ambulância.

Tento sair dali e achar um lugar para respirar, mas agora o sinal está aberto para os pedestres, a multidão se movimenta, e é impossível nadar contra a corrente naquele mar de gente no meio de Manhattan. Alguns nem desviam os olhos dos celulares ao passar pelo acidente. Fico parada e espero a multidão se dispersar. Viro meu rosto de relance para o acidente, com o cuidado de não olhar diretamente para o homem. O motorista do caminhão agora está na parte de trás do veículo, falando ao telefone, com os olhos arregalados. Três ou quatro pessoas estão por ali ajudando. Alguns filmam aquela cena macabra com seus celulares, movidos por uma curiosidade mórbida.

Se eu ainda morasse na Virgínia, a cena seria completamente diferente. Todo mundo simplesmente ia parar. O pânico estaria instalado, as pessoas começariam a gritar, uma equipe de TV chegaria em questão de minutos. Mas atropelamentos são tão comuns em Manhattan que não passam de um inconveniente. Um atraso no trânsito para uns, *uma roupa estragada para outros*. Acontece com tanta frequência que nem vai sair no jornal.

Ainda que essa indiferença das pessoas me incomode, é exatamente o motivo de eu ter me mudado para esta cidade há dez anos. Pessoas como eu pertencem às grandes cidades. Minha vida é irrelevante num lugar deste tamanho. Há muita gente com histórias muito mais tristes do que a minha.

Aqui sou invisível. Desimportante. Manhattan tem gente demais para se preocupar comigo. E eu a amo por isso.

— Está machucada?

Olho para o homem que toca meu braço e observa minha blusa. Sua expressão é extremamente preocupada, e ele me olha da cabeça

aos pés, procurando ferimentos. Pela reação, percebo que não é um desses nova-iorquinos sem coração. Pode até ser que more aqui agora, mas certamente vem de algum lugar que não lhe extraiu completamente a empatia.

— Está machucada? — repete ele, me olhando nos olhos desta vez.

— Não, não é meu sangue. Eu estava atrás dele quando...

Paro de falar. *Acabei de ver um homem morrer*. Estava tão perto dele que seu sangue está em mim.

Vim para esta cidade para ser invisível, mas certamente não sou insensível. Até venho tentando — a ideia é me tornar tão dura quanto o concreto onde piso. Mas ainda não deu muito certo. Consigo sentir tudo que acabei de testemunhar revirando no meu estômago.

Cubro a boca com a mão, mas logo a tiro ao sentir algo grudento em meus lábios. *Mais sangue*. Olho para minha blusa. É muito sangue, e nada disso é meu. Seguro a blusa e tento puxá-la na altura do peito, mas ela gruda nos pontos em que o sangue começou a secar.

Acho que preciso de água. Estou começando a me sentir meio tonta. Quero esfregar minha testa, coçar o nariz, mas tenho medo de tocar em mim mesma. Olho para o homem que ainda está segurando meu braço.

— Tem sangue no meu rosto?

Ele aperta os lábios e olha para o lado, checando os arredores. Aponta para uma cafeteria a poucos metros de distância.

— Lá vai ter um banheiro — diz ele, com a mão nas minhas costas, enquanto me conduz até lá.

Olho para o prédio da Pantem Press do outro lado da rua, para onde eu estava indo antes do acidente. Estava tão perto. A

uns cinco ou seis metros de distância de uma reunião onde eu precisava estar desesperadamente.

Fico me perguntando o quão perto o homem que acabou de morrer estava do destino *dele*.

Assim que chegamos à cafeteria, o estranho segura a porta para eu entrar. Uma mulher carregando um café em cada mão tenta se espremer e passar por mim até que repara a minha blusa. Ela logo se afasta e abre caminho. Vou em direção ao banheiro feminino, mas a porta está trancada. O homem abre a porta do masculino e acena para que eu entre com ele.

Ele vai direto até a pia e abre a torneira. Olho para o espelho, aliviada. Não é tão ruim quanto imaginei. Há alguns respingos de sangue nas minhas bochechas que já estão começando a escurecer e secar, além de uma mancha na sobrancelha. Mas, por sorte, foi a blusa que levou a pior.

O homem me passa alguns papéis molhados e limpo meu rosto enquanto ele molha mais alguns. Agora consigo sentir o cheiro do sangue. Num turbilhão, aquele odor penetrante me leva de volta aos meus 10 anos de idade. O cheiro do sangue era tão forte que continua na minha memória depois de todos esses anos.

Aquilo me causa náusea e tento prender a respiração. Não quero vomitar. Mas preciso me livrar desta blusa. *Agora*.

Com os dedos trêmulos, abro os botões, tiro a blusa e a coloco embaixo da torneira. Deixo a água fazer todo o trabalho, pego mais papéis com o estranho e começo a limpar o sangue do meu peito.

Em vez de dar um pouco de privacidade para mim (e para meu sutiã nada atraente), o estranho tranca a porta para que ninguém entre e me veja sem camisa. É um excesso de cavalheirismo que me deixa um pouco desconfortável. Fico tensa olhando para ele pelo reflexo do espelho.

Alguém bate à porta.

— Já vamos sair — avisa ele.

Relaxo um pouco. Pelo menos há alguém do outro lado da porta para ouvir meus gritos, caso seja necessário.

Tento me concentrar no sangue até tirar tudo do pescoço e do peito. Viro para dar uma olhada no cabelo, mas não encontro nada além das raízes escuras nascendo por baixo do caramelo desbotado.

— Toma — diz o homem, abrindo o último botão de sua camisa branca limpinha. — Vista isso.

O paletó dele já havia sido tirado, e agora está pendurado na porta. Ele me entrega a camisa de botão. Está com uma camiseta branca por baixo. O cara é forte e mais alto do que eu. A camisa dele vai me engolir. Não posso usar isso numa reunião, mas não tenho opção. Seco minha pele, visto a camisa e começo a abotoá-la. Estou ridícula, mas pelo menos não foi a minha cabeça que explodiu na blusa de alguém. *Sempre há um lado bom.*

Minha blusa não tem salvação. Tiro ela da pia e a jogo no lixo. Então encaro meu reflexo no espelho. Dois olhos vazios e cansados me encaram de volta. Foram da cor de avelã ao castanho sombrio depois do horror que testemunharam. Esfrego as bochechas com as mãos para tentar lhes devolver alguma cor, mas nada feito. Minha cara é de morte.

Encosto na parede, de costas para o espelho. O homem está guardando a gravata no bolso do paletó e olha para mim por um momento.

— Não sei dizer se você está calma ou em estado de choque.

Não estou em choque, mas também não acho que esteja calma.

— Para ser sincera, nem eu tenho certeza — admito. — Você está bem?

— Estou ótimo. Já vi coisas piores, infelizmente.

Inclino a cabeça na tentativa de esmiuçar todas as camadas daquela resposta enigmática. Ele quebra o contato visual, mas isso só me faz encará-lo ainda mais, imaginando o que pode ser pior do que ver a cabeça de um homem ser esmagada embaixo de um caminhão. Talvez ele seja nova-iorquino, afinal de contas. Ou talvez ele trabalhe em um hospital. Ele tem um ar de eficiência que é bem comum em pessoas que são responsáveis por outras pessoas.

— Você é médico?

Ele faz que não com a cabeça.

— Trabalho no mercado imobiliário. Ou trabalhava.

Ele se aproxima e toca meu ombro, limpando algo da minha camisa. A camisa *dele*. Quando abaixa o braço, olha para o meu rosto por um momento antes de se afastar.

Seus olhos combinam com a gravata que acabou de guardar no bolso. *Chartreuse*, um verde brilhante. Ele é lindo, mas algo me diz que não gostaria de ser. Quase como se sua beleza fosse um empecilho. Uma parte dele que não quer ser notada. Ele quer ser invisível nesta cidade. *Igualzinho a mim*.

A maior parte das pessoas vem para Nova York para ser descoberta. O resto de nós vem pra se esconder.

— Qual é o seu nome?

— Lowen.

Ele hesita quando digo meu nome, mas dura poucos segundos.

— Jeremy — responde.

Ele caminha até a pia, abre a água novamente e começa a lavar as mãos. Continuo a encará-lo, sem conseguir esconder minha curiosidade. Como assim, ele já viu algo pior do que o acidente que acabamos de testemunhar? Ele disse que atuava no mercado

imobiliário, mas nem o pior dia de trabalho de um corretor deixaria alguém tão melancólico.

— O que aconteceu com você?

Ele olha para mim pelo espelho.

— Como assim?

— Você disse que já viu coisas piores. Tipo o quê?

Ele fecha a torneira, seca as mãos e responde:

— Quer mesmo saber?

Assinto. Ele joga o papel na lixeira e depois enfia a mão no bolso. Seu comportamento fica ainda mais sombrio. Por fim, ele olha nos meus olhos, mas é como se estivesse se desligado deste momento.

— Há alguns meses resgatei o corpo da minha filha de 8 anos de um lago.

Inspiro o máximo de ar que me é possível e levo a mão à garganta. *Sua expressão não era de melancolia. Era de desespero.*

— Sinto muito — sussurro.

E sinto mesmo. Sinto muito pela filha. Sinto muito por ser curiosa.

— E você? — pergunta Jeremy.

Ele se inclina no balcão, como se aquela fosse uma conversa para a qual estivesse preparado. Uma conversa com alguém que faça suas tragédias parecerem menos trágicas. É o que se faz após experimentar uma coisa horrível. Buscar alguém como você... ou que esteja pior do que você... para tentar se sentir melhor.

Engulo em seco antes de responder, porque minhas tragédias não são nada comparadas ao que ele passou. Penso na mais recente, com vergonha de dizer em voz alta.

— Minha mãe morreu na semana passada.

Ele não reage à minha tragédia como reagiu à dele. Na verdade, ele não tem nenhuma reação. Talvez estivesse esperando que a minha tragédia fosse pior.

Não é. *Ele ganhou.*

— Como ela morreu?

— Câncer. Vinha cuidando dela no meu apartamento durante o último ano — respondo. Ele é a primeira pessoa para quem conto isso em voz alta. Posso sentir os batimentos latejando em meu pulso, e o cubro com a outra mão. — Esta é a primeira vez que saio de casa em semanas.

Ficamos nos encarando por mais um tempo. Quero dizer mais alguma coisa, mas nunca tive uma conversa tão pesada com um completo estranho. E, afinal de contas, para onde mais essa conversa pode avançar?

Não avança. Simplesmente termina.

Ele olha para si mesmo no espelho, colocando uma mecha solta de seu cabelo escuro no lugar.

— Preciso ir para uma reunião. Tem certeza de que vai ficar bem? — pergunta Jeremy, olhando meu reflexo no espelho.

— Sim, está tudo certo.

— *Tudo certo?* — Ele se vira, repetindo a pergunta, como se “tudo certo” não significasse realmente que eu estou *bem*.

— Vai ficar tudo certo. Obrigada pela ajuda.

Queria que ele sorrisse, mas acho que não combina muito com o momento. Tenho curiosidade em saber como seria seu sorriso. Em vez disso, Jeremy encolhe os ombros e diz: “Então tudo certo.” Ele destranca a porta e a segura para mim, mas não saio logo. Em vez disso, continuo olhando para seu rosto, ainda relutante em enfrentar o mundo lá fora. Admiro sua gentileza e quero dizer algo, agradecê-lo de alguma forma. Talvez com um café,

ou devolvendo sua camisa. Fico atraída por seu altruísmo, algo raro hoje em dia. Mas é o brilho de sua aliança na mão esquerda que acaba me empurrando para fora do banheiro e do café, para o meio da rua agora ainda mais cheia e barulhenta.

Uma ambulância apareceu por ali e interrompeu o trânsito nos dois sentidos. Caminho de volta para o local do acidente, pensando se devo dar um depoimento. Espero ao lado de um policial que está anotando as versões de outras testemunhas. Não são diferentes da minha, mas, de qualquer forma, dou uma declaração e meus contatos. Não sei o quanto posso efetivamente ajudar, já que não vi quando for atingido. Estava perto o suficiente para ouvir. Perto o suficiente para que minha blusa ficasse parecendo um quadro do Pollock.

Olho para trás e vejo Jeremy saindo com um copo de café fresquinho nas mãos. Ele atravessa a rua, concentrado em seu destino. Sua mente agora está pensando em outra coisa, nada que tenha a ver comigo, provavelmente em sua esposa e no que vai dizer a ela quando chegar em casa sem a camisa.

Pego o celular para ver as horas. Ainda tenho quinze minutos antes da reunião com Corey e a editora da Pantem Press. Minhas mãos tremem ainda mais agora que não há um homem estranho me distraindo dos meus próprios pensamentos. Talvez um café ajude. Morfina *definitivamente* ajudaria, mas o serviço de cuidados paliativos levou tudo ao recolher os equipamentos após a morte da minha mãe. Pena que eu estava muito abalada para pensar em esconder. Seria bem útil agora.

2

Há meses não falava com Corey, mas ontem à noite ele me mandou uma mensagem me chamando para a reunião de hoje. Eu estava sentada na mesa do computador, encarando uma formiga que andava pelo meu dedão do pé.

A formiga estava sozinha e andava de um lado para o outro, subia e descia, como se estivesse tentando achar os amigos ou alguma comida. Parecia confusa pela solidão. Ou talvez estivesse animada com a sensação de liberdade. Eu só conseguia me perguntar por que ela estava sozinha. Formigas andam sempre em bando.

Toda aquele questionamento sobre a situação da formiga só deixava claro que eu realmente precisava sair de casa. Depois de tanto tempo trancada cuidando da minha mãe, eu estava com medo de, ao sair pela porta, me ver tão confusa quanto aquela formiga. De um lado para o outro, *onde estão os amigos, onde está a comida?*

A formiga desceu do dedão até o piso de madeira. Desapareceu pela parede bem na hora que a mensagem de Corey chegou.

Esperava que ele tivesse entendido quando estabeleci limites há seis meses: não estamos mais transando, então o e-mail é a forma de contato mais apropriada entre um agente literário e sua autora. A mensagem dizia:

Me encontre amanhã às nove horas no prédio da Pantem Press, no 14º andar. Acho que temos uma proposta de trabalho.

Ele não perguntou sobre minha mãe, o que não me surpreendeu nem um pouco. Sua falta de interesse em qualquer coisa que não seja ele mesmo ou seu trabalho é o motivo de não estarmos mais juntos. Aquilo me deixou irritada. Ele não me deve nada, mas podia ao menos fingir que se importa.

Não respondi ontem à noite. Larguei o telefone e fui olhar o pequeno buraco na base da parede por onde a formiga havia desaparecido. Fiquei pensando se ela estava indo encontrar outras formigas ou se era uma solitária. Talvez fosse parecida comigo e tivesse aversão a outras formigas.

Não sei dizer por que tenho uma aversão tão paralisante a outros seres humanos. Se tivesse que apostar, diria que tem relação com o fato de a minha própria mãe morrer de medo de mim.

“Morrer de medo” talvez seja uma expressão muito forte. Mas ela certamente não confiava em mim durante a minha infância. Se eu não estava na escola, ela sempre me mantinha afastada de todos, com medo do que eu seria capaz de fazer durante meus muitos episódios de sonambulismo. Aquela paranoia foi tomando conta de mim, até eu me tornar uma adulta condicionada. Uma solitária. Poucos amigos e quase nenhuma vida social. Não é à toa que esta é a primeira vez que saio de casa em semanas.

Achava que meu primeiro passeio depois de tanto tempo seria para algum lugar do qual sentia falta, como o Central Park ou alguma livraria.

Certamente não imaginei que estaria aqui, esperando no hall de uma editora, rezando desesperadamente para que esta tal proposta acontecesse e fosse suficiente para pagar meu aluguel e evitar que eu seja despejada. No entanto, aqui estou eu, a uma reunião de distância de virar uma sem-teto ou de receber uma proposta de trabalho e poder procurar uma casa nova.

Dou uma ajeitada na camisa branca que Jeremy me emprestou naquele banheiro do outro lado da rua. Espero que eu não esteja muito ridícula. Talvez consiga fingir bem, como se usar camisas masculinas com o dobro do meu tamanho fosse algum tipo de tendência de moda descolada.

— Bela camisa — diz alguém atrás de mim.

É a voz de Jeremy, e me viro chocada por vê-lo ali.

Ele está me seguindo?

Entrego minha carteira de motorista ao segurança e olho mais uma vez para Jeremy, agora reparando que ele está com uma camisa diferente.

— Você tem uma pilha de camisas reservas no bolso? — pergunto. Há poucos minutos ele me deu a que estava usando.

— Meu hotel fica a um quarteirão daqui. Voltei lá para me trocar.

Hotel. Isso é promissor. Se ele está num hotel, talvez não trabalhe aqui. Se não trabalha aqui, talvez não tenha nada a ver com o mercado editorial. Não sei bem por quê, mas não quero que ele seja do mercado editorial. Não tenho a menor ideia de quem vou encontrar nesta reunião, mas estou torcendo para não ter nada a ver com ele, depois da manhã agitada que tivemos.

— Então você não trabalha neste prédio?

Ele entrega a identificação para o segurança.

— Não, não trabalho aqui. Tenho uma reunião no 14° andar.

Claro que ele tem.

— Eu também.

Um sorriso tímido desponta em sua boca, mas logo desaparece, como se ele tivesse se lembrado do que acabou de acontecer do outro lado da rua e pensando que ainda era muito cedo para sorrir.

— Quais são as chances de estarmos indo para a mesma reunião? — pergunta ele, pegando a identidade de volta enquanto nos dirigimos ao elevador.

— Não sei. Ainda não me disseram exatamente por que estou aqui.

Entramos no elevador e ele aperta o botão do 14° andar. Ele me encara, pega a gravata no bolso e começa a dar o nó.

Não consigo parar de olhar para sua aliança na mão esquerda.

— Você é escritora?

Respondo que sim com a cabeça.

— E você?

— Não. Mas a minha mulher é — responde ele enquanto termina de ajeitar a gravata. — Será que já li algo seu?

— Duvido. Ninguém lê meus livros.

Ele dá um sorrisinho.

— Lowen não é um nome muito comum. Tenho certeza de que consigo encontrar os livros que você escreveu.

Por que isso? Ele quer realmente ler meus livros?

Ele pega o celular e começa a digitar.

— Eu nunca disse que usava meu nome verdadeiro.

Ele não tira os olhos do celular até a porta do elevador abrir. Caminha até a porta e se vira para me encarar, sorrindo e me mostrando o telefone.

— Você não usa um pseudônimo. Escreve como Lowen Ashleigh, que, por incrível que pareça, é o nome da escritora que vou encontrar às nove e meia.

Finalmente vejo aquele sorriso e, por mais maravilhoso que seja, não quero ver novamente.

Ele deu um Google no meu nome. E, ainda que minha reunião seja às nove horas, ele parece saber mais sobre o assunto do que eu. Se estivermos mesmo indo para a mesma reunião, nosso encontro ao acaso na rua me parece um tanto suspeito. Mas, pensando bem, a possibilidade de que estivéssemos no mesmo lugar na mesma hora não é tão absurda assim, já que estávamos indo na mesma direção, para a mesma reunião e que, portanto, testemunhamos o mesmo acidente.

Ele se afasta e saio do elevador. Abro a boca, me preparando para dizer algo, mas ele começa a andar para trás.

— Te vejo daqui a pouco.

Não sei nada sobre ele, nem qual é a sua relação com a reunião para onde estou indo. No entanto, mesmo sem entender muito bem os detalhes do que está acontecendo, não consigo não gostar desse cara. Ele me deu a própria camisa. Não é possível que seja uma pessoa horrível.

Sorriso antes que ele dobre o corredor.

— Tudo certo. Te vejo daqui a pouco.

— Tudo certo — diz Jeremy, devolvendo o sorriso.

Fico olhando até que ele vira à esquerda e desaparece. Agora que estou fora de seu campo de visão consigo relaxar um pouco. Que manhã... intensa. O acidente que acabei de ver e me esbarrar duas vezes com esse cara desconcertante me deixou meio estranha. Coloco a mão na parede para me apoiar. Só que...

— Chegou bem na hora — diz Corey.

Sua voz me dá um sobressalto. Olho para o lado e Corey vem andando em minha direção pelo corredor oposto. Ele se inclina, me dá um beijo na bochecha e meus músculos se enrijecem.

— Você nunca chega na hora.

— Eu ia chegar até mais cedo, mas...

Prefiro não explicar o que me atrasou. Além de não parecer interessado, ele segue na mesma direção para onde Jeremy foi.

— A reunião é só às nove e meia, mas como achei que você ia se atrasar, disse nove horas.

Paro, olhando para a parte de trás de sua cabeça. *Porra, Corey.* Se tivesse me dito nove e meia em vez de nove horas, eu não teria testemunhado o acidente do outro lado da rua. Sangue de um estranho não teria respingado em mim.

— Você vem? — pergunta, parando um minuto.

Escondo minha irritação. Já estou acostumada a fazer isso em relação a Corey.

Entramos numa sala de reunião vazia. Corey fecha a porta e me sento em uma das cadeiras. Ele se senta próximo de mim, na cabeceira da mesa, de modo a ficar me encarando. Tento não franzir o cenho enquanto dou uma boa olhada nele depois de tantos meses. Ele não mudou nada. Todo limpinho, arrumado, de gravata, óculos e sorrindo. Sempre fazendo um imenso contraste comigo.

— Você está com uma cara péssima — digo, porque ele não está nada péssimo. Ele nunca está e sabe disso.

— E você está com uma cara animada e encantadora.

Ele diz isso porque nunca estou animada ou encantadora. Sempre pareço cansada e constantemente entediada. Aquela coisa de “fazer carão” não é comigo, no máximo faço uma carinha de paisagem.

— Como está sua mãe?

— Morreu na semana passada.

Ele não estava esperando aquilo. Recosta-se na cadeira e reclina a cabeça.

— Por que não me contou?

Por que não perguntou antes?

— Ainda estou processando.

Minha mãe morou comigo durante os últimos nove meses, desde que foi diagnosticada com câncer de intestino em estágio quatro. Morreu na semana passada após três meses sob cuidados paliativos. Era difícil sair do apartamento nestes últimos meses porque ela dependia de mim para tudo: comer, beber, virar-se na cama. Quando começou a piorar, não podia sair do lado dela nunca, e é por isso que fiquei semanas sem colocar o pé para fora de casa. Por sorte, conexão Wi-Fi e um cartão de crédito tornam fácil viver uma vida inteira dentro de casa em Manhattan. Qualquer coisa de que você precise pode ser entregue.

É engraçado que uma das cidades mais populosas do mundo possa também ser um paraíso para os agorafóbicos.

— Você está bem? — pergunta Corey.

Disfarço meu incômodo com um sorriso, mesmo sabendo que a preocupação dele é mera formalidade.

— Estou bem. Já era esperado, isso ajuda.

Digo apenas o que ele quer ouvir. Não sei como ele reagiria à verdade — que estou aliviada por ela ter morrido. Minha mãe nunca me deu nada na vida além de culpa. Nada mais e nada menos. Apenas culpa pura e simples.

Corey vai até o balcão repleto de guloseimas, garrafas de água e café.

— Está com fome? Sede?

— Quero só uma água.

Ele pega duas garrafas de água, me dá uma e volta a se sentar.

— Precisa de ajuda com o testamento? Tenho certeza de que Edward poderia ajudar.

Edward é o advogado da agência literária de Corey. É uma agência pequena, então muitos dos autores acabam usando os conhecimentos de Edward para outras questões. Mas infelizmente não vou precisar. Quando aluguei um apartamento de dois quartos no ano passado, Corey tentou me avisar que eu não teria dinheiro para mantê-lo. Mas minha mãe insistiu em morrer com dignidade — ela queria que fosse em seu próprio quarto. Não num asilo. Não num hospital. Não numa cama de hospital no meio do meu conjugado apertado. Queria seu próprio quarto, com suas coisas.

Segundo ela, as economias que restavam na conta bancária seriam suficientes para me restabelecer depois de sua morte e de todo o tempo em que fiquei sem trabalhar. Ao longo do último ano, vivi com o restinho do adiantamento que ainda havia sobrado após o último livro. Mas essa grana já acabou e, aparentemente, o tal dinheiro na conta bancária da minha mãe nunca existiu. Foi uma das últimas coisas que ela me confessou antes de enfim sucumbir à doença. Eu teria cuidado dela independentemente da situação financeira. Era a minha mãe. Mas o fato de precisar mentir para me convencer mostra o quanto estávamos desconectadas.

Bebo um gole da água e balanço a cabeça.

— Não preciso de um advogado. Ela só me deixou dívidas. Mas obrigada por oferecer.

Corey aperta os lábios. Ele é meu agente literário, é quem me manda os cheques de direitos autorais, então conhece minha situação financeira. E é por isso que me encara com um olhar de pena.

— Em breve você vai receber um cheque estrangeiro de direitos autorais.

Como se eu não soubesse de cada centavo que tenho para receber nos próximos seis meses. *Como se já não tivesse gastado tudo de antemão.*

— Eu sei. Vou ficar bem.

Não quero falar sobre meus problemas financeiros com Corey. Ou com ninguém.

Ele encolhe os ombros, pouco convencido. Olha para baixo e ajeita a gravata.

— Tomara que seja uma boa proposta — comenta ele.

Estou aliviada com a mudança de rumo da conversa.

— Por que viemos encontrar pessoalmente essa editora? Sabe que prefiro negociar por e-mail.

— Eles pediram essa reunião ontem. Falaram que têm um trabalho para discutir com você, mas não quiseram dar detalhes por telefone.

— Pensei que você estava tentando fechar um novo contrato com a minha editora atual.

— Seus livros até vendem bem, mas não o suficiente para assinar um novo contrato. Eles querem que você se dedique mais. Você tem que concordar em ser ativa nas redes sociais, fazer turnês, construir uma base de fãs. Só suas vendas não são o bastante para o mercado de hoje.

Era o que eu temia. Uma renovação de contrato com minha atual editora era minha última esperança financeira. Os cheques de direitos autorais dos livros anteriores minguiaram junto com as vendas. Não escrevi quase nada neste último ano em que cuidei da minha mãe, então não tenho nada para oferecer à editora.

— Não tenho a menor ideia de qual é a proposta da Pantem. Também não sei se você vai se interessar. Vamos ter que assinar um contrato de confidencialidade antes mesmo de nos darem

mais detalhes. Mas esse mistério todo me deixou curioso. Estou tentando baixar as expectativas, mas são muitas possibilidades em jogo e estou com um bom pressentimento. A gente precisa disso.

Ele diz “a gente” porque, qualquer que seja a oferta, ele fica com 15% se eu aceitar. É o padrão agente/autor. O que *não é* padrão agente/autor é o relacionamento de seis meses que tivemos e os dois anos de sexo que se seguiram depois que terminamos.

A parte do sexo durou dois anos porque ele não estava ficando com ninguém a sério, e eu também não. Foi conveniente até não ser mais. Mas a razão pela qual o relacionamento *de verdade* durou apenas seis meses foi porque ele estava apaixonado por outra mulher.

Tudo bem que a outra mulher era eu.

Deve ser muito confuso se apaixonar pelas palavras de um escritor antes mesmo de conhecê-lo. Algumas pessoas têm dificuldade em separar o personagem do indivíduo que o criou. Surpreendentemente, apesar de ser um agente literário, Corey é uma dessas pessoas. Ele se apaixonou pela protagonista do meu primeiro romance, *Em aberto*. Imaginou que a personalidade dela fosse reflexo da minha quando, na verdade, eu não poderia ser mais diferente.

Corey foi o único agente que respondeu a minha mensagem. Ainda assim, levou meses. O e-mail dele tinha poucas linhas, mas foi o suficiente para reavivar as minhas esperanças:

Li seu manuscrito, *Em aberto*, em poucas horas. Acredito neste livro. Se ainda estiver precisando de um agente, me ligue.

O e-mail chegou numa quinta de manhã. Duas horas depois já estávamos tendo uma conversa profunda sobre o enredo por telefone. Na sexta à tarde, nos encontramos para um café e assinamos o contrato.

No sábado à noite, já tínhamos transado três vezes.

Certamente nosso relacionamento feriu algum tipo de código de ética, mas não sei se foi por isso que durou tão pouco. Assim que Corey percebeu que eu não era a inspiração para minha personagem, entendeu que não éramos compatíveis. Eu não era uma heroína. Eu não era simples. Eu era, na verdade, bem complicada. Um quebra-cabeça emocional desafiador que ele não estava disposto a desvendar.

E tudo bem. Eu não estava mesmo querendo ser desvendada.

Estar em um relacionamento com ele era difícil, mas ser sua cliente era inesperadamente fácil. Por isso decidi continuar na mesma agência depois do término. Ele continuou sendo leal e imparcial em relação à minha carreira.

— Você parece exausta — diz Corey, me desviando dos meus pensamentos. — Está nervosa com a reunião?

Concordo com a cabeça, esperando que ele se convença disso. Não estou com a mínima vontade de explicar por que estou exausta. Saí de casa duas horas atrás, mas parece que foi há um ano. Checo minhas mãos e braços procurando traços de sangue. Não está mais lá, mas ainda posso sentir. *Sinto o cheiro.*

Minhas mãos ainda estão tremendo, por isso as escondo debaixo da mesa. Agora que estou aqui me dou conta de que não devia ter vindo. Mas não posso deixar passar um contrato em potencial. Não estão chovendo ofertas e, se não fechar algo logo, vou ter que procurar um emprego “normal”. E, se tiver um

emprego, não terei tempo nenhum para escrever. Mas ao menos vou conseguir pagar minhas contas.

Corey tira um lenço do bolso e limpa o suor da testa. Ele só sua quando está nervoso. O fato de ele estar nervoso está me deixando mais nervosa.

— Temos que combinar um sinal secreto para o caso de você não estar interessada?

— Vamos ouvir o que eles têm a dizer e depois pedimos para conversar em particular.

Corey aperta a caneta e se ajeita na cadeira como se estivesse se preparando para uma batalha.

— Deixa que eu falo.

Não pretendia fazer diferente. Ele é carismático e charmoso. Essas não são características que alguém atribuiria a mim. É melhor eu só ficar assistindo e ouvindo.

— *O que é isso que você está vestindo?*

Corey está perplexo com minha camisa, que ele só notou agora, apesar de ter passado os últimos quinze minutos comigo.

Olho para a camisa enorme. Por um momento tinha me esquecido do quão ridícula eu estava.

— Derramei café mais cedo e tive que trocar a camisa.

— De quem é essa camisa?

Encolho os ombros.

— Talvez seja sua. Estava no meu armário.

— Saiu de casa com isso? Não tinha nada melhor para vestir?

— Não acha que estou na moda? — pergunto, sendo sarcástica, mas ele não percebe. Faz uma cara feia.

— Não. A ideia era essa?

É um babaca mesmo. Mas é ótimo na cama, como a maioria dos babacas.

É um alívio quando a porta se abre e uma mulher entra na sala. Logo atrás dela, de forma meio cômica, vem um homem mais velho. De tão próximo a ela, ele esbarra em suas costas quando a mulher para.

— Droga, Barron — ouço-a murmurar.

Dou um pequeno sorriso ao pensar que “Droga Barron” podia ser seu nome.

Jeremy entra por último. Ele acena para mim sutilmente, e ninguém mais percebe.

A mulher está mais bem-vestida do que eu estaria em meus melhores dias, tem um cabelo preto curto e seu batom é tão vermelho que parece meio exagerado para as nove da manhã. Ela parece ser a pessoa que manda ali. Aperta a mão de Corey e depois a minha, enquanto Droga Barron observa.

— Sou Amanda Thomas, editora na Pantem Press. Este é Barron Stephens, nosso advogado, e Jeremy Crawford, nosso cliente.

Jeremy e eu apertamos as mãos. Ele é ótimo em fingir que não compartilhamos uma manhã extremamente bizarra. Senta-se bem de frente para mim. Tento não olhar para ele, mas parece que meus olhos não querem ir para outro lugar. Não sei por que, mas estou mais curiosa em saber sobre ele do que sobre esta reunião.

Amanda retira alguns documentos de sua pasta e os alcança para mim e Corey.

— Obrigada por virem nos encontrar hoje — diz ela. — Não queremos desperdiçar seu tempo, então vou direto ao assunto: uma de nossas autoras está impossibilitada de cumprir seu contrato por questões médicas e estamos em busca de alguém com experiência no mesmo gênero para escrever os três livros restantes de sua série.

Olho para Jeremy, mas sua expressão impassível não me revela nada sobre seu papel naquela reunião.

— Quem é a autora? — pergunta Corey.

— Podemos discutir todos os detalhes, mas preciso que assinem um contrato de confidencialidade. Queremos manter a situação da autora fora da mídia.

— É claro — concorda Corey.

Concordo, mas não digo nada enquanto olhamos e assinamos os formulários. Corey os devolve a Amanda.

— O nome dela é Verity Crawford. Tenho certeza de que conhecem seu trabalho.

Corey empalidece ao ouvir o nome de Verity. *É claro* que conhecemos seu trabalho. Todo mundo conhece. Eu me viro para Jeremy. *Verity é a mulher dele?* Eles têm o mesmo sobrenome. Ele mencionou que a mulher é escritora. Mas por que ele estaria numa reunião sobre ela? Se nem mesmo ela está aqui?

— Conhecemos o nome, sim — disfarça Corey, escondendo o jogo.

— Verity tem uma série de muito sucesso e não queremos de jeito nenhum que fique inacabada — continua Amanda. — Nosso objetivo é contratar um escritor que concorde em assumir a história, terminar a série e participar de turnês, divulgação para a imprensa, tudo o que Verity faz normalmente. Vamos divulgar um comunicado para apresentar o novo coautor e, ao mesmo tempo, preservar ao máximo a privacidade de Verity.

Turnês? Divulgação para a imprensa?

Corey está me olhando. Ele sabe que não gosto dessa parte. Muitos autores são ótimos na interação com leitores, mas sou tão esquisita que é capaz de os leitores desistirem dos meus livros para sempre após me conhecerem pessoalmente. Só tive uma noite

de autógrafos na vida, e não dormi por uma semana antes dela. Estava tão aterrorizada durante os autógrafos que não conseguia nem falar. No dia seguinte recebi um e-mail de uma leitora dizendo que fui esnobe com ela, e que nunca mais leria meus livros.

É por isso que só fico em casa escrevendo. A ideia que fazem de mim é muito melhor do que a realidade.

Corey fica calado e começa a olhar os papéis de Amanda.

— E qual será o adiantamento da Sra. Crawford pelos três livros?

É Droga Barron quem responde a essa pergunta:

— Os detalhes do contrato de Verity com a editora seguem os mesmos e, portanto, não serão divulgados. Os direitos autorais continuam pertencendo a Verity. Mas meu cliente, Jeremy Crawford, está disposto a oferecer um pagamento de 75 mil dólares por livro.

Meu estômago dá um salto ao ouvir o valor do montante. Mas a animação vai embora assim que me dou conta da enormidade disso tudo. Deixar de ser uma escritora Zé-Ninguém para ser a coautora de um fenômeno literário é um passo muito grande para mim. Já começo a sentir a ansiedade me consumindo só de pensar.

Corey se inclina para frente, colocando os braços na mesa.

— Imagino que este valor seja negociável.

Tento atrair a atenção de Corey. Quero dizer a ele que a negociação não é necessária. Não há a menor chance de aceitar escrever três livros e depois não conseguir terminar por estar nervosa demais.

Droga Barron se ajeita na cadeira.

— Com todo respeito, Verity Crawford passou mais de uma década construindo sua marca. Uma marca que não existiria de

outra maneira. A proposta não é pelos três livros. São 75 mil dólares por cada um, o que dá um total de 225 mil dólares.

Corey coloca a caneta em cima da mesa e se recosta na cadeira, aparentando estar pouco impressionado.

— E qual é o prazo para a entrega dos textos?

— Já estamos atrasados, então seria bom ter o primeiro livro seis meses depois da assinatura do contrato.

Não consigo parar de olhar o batom vermelho em seus dentes enquanto ela fala.

— O prazo para os outros dois livros é negociável. Gostaríamos, no entanto, que o contrato fosse completado nos próximos 24 meses.

Posso sentir que Corey está fazendo as contas. Só tenho dúvidas se ele está calculando apenas a parte dele ou a minha parte também. Corey ficaria com 15%. É quase 34 mil dólares, só para me representar aqui nesta reunião. Metade seria para pagar impostos. Eu ficaria com um pouco menos de 100 mil na conta. Ou seja, 50 mil dólares por ano.

É mais do que o dobro do adiantamento que recebi por meus livros anteriores. Mas não é o suficiente para me convencer a embarcar numa série de tanto sucesso. A conversa continua inutilmente porque já sei que vou recusar. Quando Amanda mostra o contrato oficial, limpo a garganta e começo a falar.

— Agradeço a oferta — digo olhando diretamente para Jeremy para mostrar minha sinceridade. — Agradeço de verdade. Mas se estão procurando alguém para ser o novo rosto da série, tenho certeza de que há outros autores que se encaixariam melhor neste papel.

Jeremy não diz nada, mas está me encarando com um rosto muito mais curioso do que antes de eu falar. Levanto, pronta para

sair. Estou decepcionada com o resultado da reunião, mas ainda mais porque meu primeiro dia fora de casa foi um desastre de todas as maneiras. Preciso ir para casa e tomar um banho.

— Gostaria de conversar com minha cliente por um momento — intervém Corey, levantando-se rapidamente.

Amanda concorda, fechando a pasta enquanto também se levanta.

— Estamos de saída. Os termos do contrato estão detalhados nestes papéis. Temos outros dois autores em mente para este trabalho caso não estejam interessados, então por favor nos deem uma resposta até no máximo amanhã à tarde.

Jeremy é o único que permanece sentado. Ele não disse uma única palavra. Amanda se inclina para apertar minha mão.

— Se tiver qualquer dúvida, por favor, entre em contato. Estou à disposição para ajudar.

— Obrigada.

Amanda e Droga Barron saem da sala, mas Jeremy continua com sua atenção voltada para mim. Corey olha para ele, esperando que Jeremy saia.

Em vez disso, Jeremy se inclina, olhando para mim.

— Será que podemos falar em particular? — pergunta.

Ele olha para Corey, mas não está pedindo permissão. É mais um aviso para sair mesmo.

Corey encara Jeremy, meio desarmado por aquele pedido inusitado. Pelo jeito que vira a cabeça devagar para mim e semicerra os olhos, está querendo que eu diga não. É como se falasse: “Dá para acreditar nesse cara?”

Mas ele não sabe que tudo o que quero é ficar sozinha na sala com Jeremy. Queria mesmo que todos saíssem, especialmente Corey, porque tenho muitas perguntas a fazer. Sobre sua esposa,

sobre como chegaram até mim, e por que ela não pode terminar a série.

— Tudo bem — respondo a Corey.

A veia em sua testa chega a pulsar enquanto ele tenta disfarçar a irritação. Sua mandíbula trava, mas ele concorda e sai da sala de reunião.

Agora somos só Jeremy e eu.

De novo.

Se contarmos o elevador, esta é a terceira vez que estamos a sós num cômodo desde que nos conhecemos pela manhã. Mas esta é a primeira vez em que sinto um nervosismo no ar. Tenho certeza de que é todo meu. Jeremy parece tão calmo quanto estava há menos de uma hora, ao me ajudar a tirar os pedaços de um cara morto da minha pele.

Ele recosta na cadeira e põe as mãos no rosto.

— Nossa, essas reuniões com editores são sempre tão sisudas? Rio por dentro.

— Não sei. Normalmente faço essas coisas por e-mail.

— Entendo o porquê.

Ele levanta e pega uma garrafa de água. Talvez seja porque agora estou sentada e ele é tão alto, mas não me lembro de ter me sentido tão pequena em sua presença antes. Saber que ele é casado com Verity Crawford me deixa mais intimidada do que ficar de sutiã na sua frente.

Ele se recosta no balcão, cruzando os tornozelos.

— Está tudo bem? Você não teve muito tempo para lidar com o que aconteceu lá fora antes de vir para cá.

— Você também não.

— Está tudo certo. — *Lá vem ele com essa expressão de novo.*

— Imagino que você tenha perguntas.

— Um monte.

— O que quer saber?

— Por que sua esposa não pode terminar a série?

— Ela sofreu um acidente de carro.

Sua resposta é mecânica, como se estivesse fazendo um esforço para se desconectar de qualquer emoção.

— Desculpe. Não sabia — respondo e mudo de posição na cadeira sem saber o que mais dizer.

— A princípio não gostei muito dessa ideia de outra pessoa terminar o contrato. Tinha esperanças de que ela se recuperaria totalmente. Mas... aqui estamos nós.

Sua atitude agora faz todo sentido. Ele parecia um cara calmo e reservado, mas agora percebo que aquela quietude era apenas tristeza. Um tristeza evidente. Não sei se é por causa do que aconteceu com a esposa, ou se é o caso que me contou mais cedo no banheiro — ter perdido a filha há meses. Mas claramente este é um homem que está perdido e precisa tomar decisões mais difíceis do que a maioria das pessoas já teve que tomar na vida.

— Sinto muito mesmo.

Ele assente e volta a se sentar. Talvez pense que ainda estou considerando a oferta. Não quero mais desperdiçar o tempo dele.

— Agradeço a proposta, Jeremy, mas não é algo que me deixe confortável. Sou péssima com publicidade. Nem sei por que a editora pensou em mim para este trabalho.

— *Em aberto.*

Meu sangue gela quando ele menciona um dos meus livros.

— Era um dos livros favoritos da Verity.

— Sua mulher leu um dos meus livros?

— Ela dizia que você ia ser o próximo fenômeno literário. Fui eu quem sugeri seu nome para a editora, porque Verity acha que

vocês têm estilos de escrita similares. Se alguém vai assumir a série dela, quero que seja alguém cujo trabalho ela respeita.

— Nossa, estou muito lisonjeada. Mas... realmente não posso.

Jeremy me olha em silêncio, provavelmente tentando imaginar por que não estou reagindo como qualquer outro escritor faria diante dessa oportunidade. Ele não consegue me entender. Normalmente, eu ficaria orgulhosa disso. Não gosto que as pessoas me entendam facilmente, mas neste caso parece errado. Deveria ser um pouco mais sincera, já que ele foi tão educado comigo hoje de manhã. Mas nem sei por onde começar.

Ele se inclina para frente, seus olhos cheios de curiosidade. Olha para mim por um momento, apoia a mão na mesa e se levanta. Interpretando que isso significava o fim da reunião, começo a me levantar também, mas Jeremy não vai até a porta. Em vez disso, anda até uma parede cheia de prêmios emoldurados. Eu me sento novamente. De costas para mim, Jeremy olha os prêmios, e só quando passa a mão por um deles percebo que pertence a Verity. Ele suspira e olha para mim novamente.

— Já ouviu falar em “pessoas crônicas”?

Faço que não com a cabeça.

— Acho que Verity criou esse termo. Depois que nossas filhas morreram, disse que somos “crônicos”. Pessoas com tendência à tragédia contínua. Uma coisa horrível atrás da outra.

Olho para ele por um momento, confusa. Ele disse mais cedo que havia perdido uma filha, mas agora está usando a palavra no plural.

— Filhas?

Ele respira fundo. Expira totalmente derrotado.

— Sim. Gêmeas. Chastin morreu seis meses antes de Harper. Foi...